Se as pedras falassem: diálogos entre pedras, alunos e uma artista

Patriciane Born
FUNDARTE

Resumo: O presente relato apresenta algumas ações pedagógicas que foram realizadas com alunos e alunas do Curso Básico de Artes Visuais da FUNDARTE (oficina Básica e oficina I), de idade entre sete e quatorze anos, a partir da exposição *Se as Pedras Falassem*, da artista Ena Lautert, exposta na Galeria da FUNDARTE no período de 29 de março a 27 de abril do presente ano.

Palavras-chave: mediação; ações pedagógicas; artista.

A cada exposição que acontece na Galeria de Arte Loide Schwambach, da FUNDARTE, a Rede de Mediadores[1] planeja a ação educativa, que engloba a mediação entre a obra e o público. Como coordenadora da galeria e professora do Curso Básico de Artes Visuais da FUNDARTE, sempre busco realizar ações pedagógicas a partir das exposições da galeria junto aos meus alunos do curso básico da FUNDARTE, aproveitando o fácil acesso que possuímos a tal espaço artístico, já que este se localiza na mesma instituição onde acontecem as aulas do curso básico de Artes Visuais.

A exposição *Se as Pedras Falassem*, a qual é o mote das ações relatadas a seguir, mostrou o atual trabalho de Ena Lautert, artista de 88 anos de idade cuja trajetória artística estende-se ao longo de trinta anos. Ena utiliza o papel machê como técnica ecológica para empreender a tarefa de modelar pedras, cada uma diferente da outra, com formas, volumes e uma diversidade de texturas e cores. Além das pedras, compunham a exposição pinturas e desenhos da artista, relacionados com a temática das pedras (fig. 01).

[1] O projeto "Rede de Mediadores" da Galeria de Arte Loide Schwambach da FUNDARTE foi criado pela então professora da FUNDARTE/UERGS e coordenadora da galeria, Eduarda Gonçalves, no ano de 2003, projeto o qual dou continuidade como coordenadora atual da galeria. Participam do projeto como mediadores, acadêmicos do curso de Graduação em Artes Visuais: licenciatura da UERGS. A Rede de Mediadores visa divulgar as exposições e proporcionar uma visita mediada aos alunos e alunas das diversas escolas do município de Montenegro e comunidade em geral.



Fig. 01 – Mediação com uma das turmas na exposição “Se as Pedras Falassem”.

A primeira ação realizada foi a mediação na exposição, com todas as turmas do curso básico em que sou professora. Nas mediações que eu mesma realizei, o diálogo desenvolvido entre as crianças e as pedras foi intenso, ainda mais pelo fato de que a artista Ena havia deixado no espaço expositivo algumas pedras “extras”, as quais poderiam ser usadas nas mediações. Tais pedras tornaram-se elemento fundamental no conhecimento por parte dos alunos acerca do trabalho artístico de Ena, pois vários conceitos presentes em sua obra – materialidade, textura, peso/leveza – foram experimentados com o contato direto e com as “brincadeiras” inventadas durante a mediação (fig. 02). Vale ressaltar que nenhuma mediação foi igual à outra, pois cada turma criou formas diferentes de interagir com as pedras de papel machê.



Fig. 02 – Alunos da oficina básica A na interação com as pedras.

Além da mediação no espaço expositivo, todas as turmas também puderam conhecer e manusear o Livro de Pedra (2010), material impresso que reúne, além de textos críticos sobre a produção da artista, intervenções fotográficas de vinte artistas visuais contemporâneos que, de posse das pedras de Ena, foram convidados pela artista a capturarem um sentido plástico para as pedras, através de cenários, percepções e olhares.[2]

A partir da mediação, foram realizadas distintas propostas com cada turma. As turmas da oficina básica (7 a 10 anos), como previamente lhes foi pedido, na aula seguinte trouxeram pequenas pedras "verdadeiras", catadas em casa ou na rua. Após uma apreciação das tantas texturas, cores e tamanhos, propus que cada um construísse imagens com as suas pedras e outros elementos da natureza que lhes ofereci (fig. 03 e 04). O resultado foi surpreendente: a potencialidade de cada material orgânico usado foi aproveitado na construção das imagens, e o trabalho de construção, destruição e reconstrução foi incessante durante todo o período da aula.





Fig. 03 e 04 – Montagens com as pedras e outros elementos orgânicos.

Uma das ações realizadas com as oficinas I (composta por alunos pré-adolescentes) foi a aula no laboratório de informática, a fim de que conhecessem o *site* da artista. O site exibe a totalidade de sua obra, as exposições realizadas e ainda possibilita que se faça uma instalação interativa[3] que, depois de finalizada, pode ficar visível no próprio *site*.

Além de investigarem as imagens das obras, das instalações e das exposições, os alunos realizaram trabalhos na página da instalação interativa, alguns complementando seu trabalho no Programa *Paint* (fig. 05 e 06).

[2] Fonte: http://www.enalautert.com.br/livro_pedra/livro_pedra.html. Acesso em: 10 ago. 2012.
[3] Disponível em: http://www.enalautert.com.br/pag1.html.





Fig. 05 e 06 – Trabalhos realizados a partir da instalação interativa do site da artista.

Mas, o mais interessante daquela aula aconteceu em seguida: alguns alunos descobriram o link “contato”, no qual poderiam enviar uma mensagem para a artista. Bastou que um e outro aluno enviasse uma mensagem para que todos eles quisessem se comunicar com ela. Quando percebi o que faziam, todos os alunos estavam escrevendo para a Ena. Na mesma noite, ela enviou-me um e-mail, emocionada com as mensagens dos meus alunos e contando que havia respondido a cada um deles.

Acredito que o fato de os alunos corresponderem-se com uma artista, cujo trabalho foi por eles vivenciado no espaço expositivo da galeria, possa contribuir para a desconstrução da ideia de artista como gênio, tão presentes nos livros e em tantas aulas de artes. O diálogo dos alunos e alunas com as pedras e com a própria Ena pode ser de grande importância para a formação de um conceito de artista mais próximo de suas vidas e de seu cotidiano.

Referências

LAUTERT, Ena. *Livro de pedra*. Editora Fumproarte, 2010.

www.enalautert.com.br. Acesso em 10 ago. 2012.